

## **Jornalistas em Trípoli se prestam ao jogo sinistro do regime**

*Peter Beaumont*

*Ao aceitar restrições e perseguições, correspondentes estrangeiros acabam sendo cúmplices da censura*

*Um porta-voz aconselhou os fotógrafos a não subirem ao primeiro andar. "se vocês subirem, vão ser mortos imediatamente. Estou só avisando. Estou tentando ajudar"*

Uma noite, na tradicional coletiva que o regime do coronel Gaddafi oferece todos os dias no hotel Rixos, em Trípoli, uma carta foi entregue aos jornalistas.

Era a cópia de um comunicado a Li Baodong, presidente do Conselho de Segurança da ONU. Para os jornalistas, sobressaiu o sexto parágrafo.

"Nenhuma restrição é imposta aos jornalistas estrangeiros. Correspondentes trabalham livremente na Líbia, e todas as necessárias instalações são fornecidas a eles. Eles têm liberdade de movimento, exceto em áreas controladas pelos terroristas da Al Qaeda", dizia o texto.

A realidade é que jornalistas não podem trabalhar livremente, apesar das inúmeras promessas de pessoas como Saif al Islam, filho do ditador, e do vice-chanceler Khalid Khaymen.

Nos últimos dias, o "Guardian" foi detido duas vezes por testar essas promessas. A primeira, por seis horas e meia, perto da cidade de Zawiyah, após visita a instalações de inteligência.

No episódio, disseram aos jornalistas que eles seriam vendados e levados a um lugar não identificado.

Na segunda ocasião, o repórter do jornal foi detido por três horas por paramilitares em um posto de controle - junto com outros 24 jornalistas detidos em Trípoli num único dia.

Jornalistas de outras nacionalidades, todos com permissão para trabalhar no país, têm sido submetidos a tratamento ainda pior: alguns passaram a noite detidos, foram espancados por milícias ou ameaçados com armas carregadas.

### **SEM PROTEÇÃO**

Autoridades responsáveis pela imprensa têm pouco interesse em protegê-la. Quando o "Guardian" foi detido no sábado, o chefe do escritório de imprensa disse aos que buscaram ajuda que ele havia "lavado as mãos". Havia um "preço a pagar" por não seguir as regras .

Quando os homens de Gaddafi ajudam, é nos termos mais sinistros. Um porta-voz do governo, Moussa Ibrahim, falando com um grupo de jornalistas que esperava um discurso de Gaddafi no hotel, aconselhou os fotógrafos a não subirem ao primeiro andar. "Se vocês subirem, vão ser mortos imediatamente. Estou só avisando. Estou tentando ajudar."

Se há um senso de ameaça contra a mídia internacional, as consequências para os líbios que falam com a gente são muito mais sérias.

Na sexta-feira, um jovem de uma região opositora em Trípoli, foi preso diante de nós após uma conversa.

### **COLETIVAS SURREAIS**

O conteúdo das coletivas de imprensa beira o surreal. Operações ofensivas viram operações defensivas.

O que leva à pergunta: por que estamos aqui? A resposta é preocupante. Jornalistas estão em Trípoli para dar o pano de fundo para os pronunciamentos do governo.

Não somos apenas o inimigo. Somos uma audiência cativa. Ao registrar o que os porta-vozes e Gaddafi dizem, damos crédito a suas declarações, por mais extravagantes que sejam.

A alternativa para as tentativas arriscadas de fazer jornalismo independente é aquilo a que o governo dá acesso. Todos os dias, os jornalistas se reúnem no Rixos à espera de um tour a uma localidade onde, inevitavelmente, um teatrinho do regime foi montado.

Enquanto isso, o que está acontecendo com os civis líbios é efetivamente censurado. Em algum momento, por nossa mera presença, ao sermos ineficazes, nos tornaremos cúmplices da censura.

**Fonte: Folha de S.Paulo, São Paulo, 10 mar. 2011, Primeiro Caderno, p. A12.**

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais